

SÉRGIO PORTO

O homem ao lado

Crônicas

Curadoria e apresentação
Sérgio Augusto

Textos sobre o autor
Millôr Fernandes
Paulo Mendes Campos

Pesquisa e datação
Natália de Santanna Guerellus


COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by herdeiras de Sérgio Porto
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Mateus Valadares

Foto do autor

© Douglas Ferreira da Silva/ *O Cruzeiro*/ EM/ D.A Press

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Porto, Sérgio

O homem ao lado : crônicas / Sérgio Porto — 1ª ed. — São Paulo :

Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2453-4

1. Crônicas brasileiras I. Título.

14-07506

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Sérgio Augusto, 9

O homem ao lado, 15

O Escafandrista da Aurora, 18

O Mausoléu, 22

História verídica de uma entrevista sincera, 26

Latricério, 29

Éramos democratas, 32

Benjamim de Oliveira, o palhaço, 36

Presença de Pedro Cavalinho, 39

O triste fim de Pedro Cavalinho, 41

Das aventuras de Pedro Cavalinho, 43

Refresco, 46

Estrada de Ferro-Leblon, 49

Relíquias da casa velha, 51

Bichos, 54

O ABC da história, 58

Memórias de um Carnaval, 61

Cuidado com o bolo, 64
Nesta data querida, 67
Um anjo, 70
Há muito tempo, 73
Caderninho de endereços, 76
Um retrato, 80
O pátio da igreja, 83
Frederico, 86
Mudança, 89
Fazenda, 92
“*Dile que puede entrar*”, 95
Momentos, 98
Ano-Bom, 101
O gavião da Candelária, 104
“Deixa as águas rolar”, 107
Um quadro, 110
As saudades de Teresa, 113
Caixinha de música, 116
Momento no bar, 120
A filha do senhor embaixador, 123
Saudade, 126
O grande mistério, 129
O bloqueio, 132
Alta patente, 135
A revolta de Almira, 138
O afogado, 141
História triste, 144
São-João, 147
Continho, 150
A janela de Marlene, 153
Dolores, 156
Canário-belga, 160

História de um nome, 163
Papelada, 166
“Todos os filhos de Deus têm asas”, 169
O cupim, 172
O hóspede, 174
Um temperamento dramático, 177
Medidas, no espaço e no tempo, 180
Pedro, o homem da flor, 183
A rua, 186
Éramos mais unidos aos domingos, 189
A moça e a varanda, 192
Divisão, 195
A casa demolida, 197
Moça no banho, 200
Datas, 203
Incompatibilidade de gênios, 206
Apelo, 209
Seu Torquato, rei de Esparta, 212
Castigo, 216
Que os anos não trazem mais, 219
Uma mulher que passou, 222
O homem que se parecia com o presidente, 225
Uma carta, 228

Nota sobre a datação dos textos, 231

ARQUIVINHO

Nota à primeira edição de *O homem ao lado*, 235
Nota à primeira edição de *A casa demolida*, 236
As dores ladravam, e Sérgio Porto passava — Millôr Fernandes, 237
Meu amigo Sérgio Porto — Paulo Mendes Campos, 240

O homem ao lado

O homem ao lado estava chorando!

Sentado, no ônibus, eu era o único passageiro que viajava consciente das suas lágrimas. Ninguém notara o homem que chorava. Iam todos distraídos, em demanda dos seus destinos, uns olhando a paisagem, outros absortos nos seus jornais; num banco adiante, dois senhores graves conversavam em voz baixa.

Ninguém sabia de nada, ninguém suspeitava, porque o seu choro não era o choro nervoso dos que soluçam, nem o choro lamuriento dos que choramingam. As lágrimas caíam devagar, descendo pelo sulco que outras lágrimas fizeram — brilhante — no seu rosto. De vez em quando, fechava os olhos, apertando as pálpebras. Depois, como que tentando reagir ao sofrimento, abria-os novamente, para revelar um olhar ausente, de quem tem o pensamento longe.

O carro seguia o seu caminho, célere, correndo macio sobre o asfalto da praia de Botafogo. O homem olhou o mar, a claridade feriu-lhe a vista. Desviou-a. Acendeu um cigarro e deixou-o esquecido no canto dos lábios, de raro em raro puxando uma tragada.

Ajudar o homem que chorava, perguntar-lhe por quê, distraí-lo. Pensei em puxar conversa e senti-me um intruso. Demonstrando saber que ele chorava, talvez o fizesse parar. Mas como agir, se ele parecia ignorar a todos, não ver ninguém?

Ajudar era difícil, distraí-lo também. Quanto a perguntar-lhe por que chorava, não me pareceu justo. Ou, pelo menos, não me pareceu honesto. Um homem como aquele, que mantinha tanta dignidade, mesmo chorando, devia ser um homem duro, cujas lágrimas são guardadas para o inevitável, para a saturação do sofrimento, como um derradeiro esforço para amenizar a amargura.

Lembrei-me da pergunta que uma pessoa curiosa fez há muito tempo. Queria saber se eu já havia chorado alguma vez. Respondi-lhe que sim, que todo mundo chora, e ela quis saber por quê. Tentando satisfazer a sua curiosidade, descobri que é mais fácil a gente explicar por que chora quando não está chorando.

— Um homem que não chora tem mil razões para chorar — respondi.

O amigo perdido para nunca mais; o que poderia ter sido e que não foi; saudades; mulher, quando merece e, às vezes, até sem merecer; há quem chore por solidariedade.

O homem ao meu lado acende outro cigarro, dá uma longa tragada e joga-o pela janela. Passa a mão no queixo, ajeita os cabelos. Já não chora mais, embora seu rosto másculo revele ainda um sentimento de dor.

Em frente à casa de flores, faz sinal para o ônibus parar. É também o lugar onde devo desembarcar e — mais por curiosidade do que por coincidência — seguimos os dois quase lado a lado. Na calçada, faz meia-volta, caminha uma quadra para trás, e entra na mesma casa de flores por onde passáramos há pouco.

Disfarçadamente entro também e finjo-me interessado num buquê de crisântemos que está na vitrina. Sem dar pela minha

presença, dirige-se ao florista e pede qualquer coisa que não conseguiu perceber o que era. O florista aponta-lhe um grande vaso cheio de rosas e ele, ao vê-las, quase sorri. Depois escreve umas palavras num cartão, entrega-o ao florista, quando este lhe pergunta se não estará lá para ver a coroa. O homem balança a cabeça devagar e, antes de sair, diz:

— Eu já chorei bastante...

E acrescenta:

— ... felizmente!

Manchete, 25/09/1954

O Escafandrista da Aurora

Poucos homens conheci, e provavelmente poucos homens terei oportunidade de conhecer, capazes de amar o belo com tanta simplicidade, de notar e sentir a poesia das coisas, de gozar os pequenos encantos da vida, tal como ele o fazia.

Desde já — explique-se — não era um poeta, que os poetas são os que têm a capacidade de transmitir por palavras a poesia que sentem. Ele apenas a sentia e o máximo que podia fazer pelo próximo era chamar-lhe a atenção para o momento poético. Lembro-me do dia em que, bêbados de sono e alguns uísques, caminhávamos lado a lado, respirando o sereno da madrugada. De repente parou, puxou-me pelo braço e, apontando o telhado em frente, exclamou:

— Que beleza!

E era. No telhado escuro, molhado de orvalho, caminhava imponente um galo branco. Ficamos quietos a olhar. O galo parou no beiral das telhas, cantou seu canto prolongado e pungente. Depois, como um suicida, atirou-se de peito estofado e asas abertas, desaparecendo atrás de um muro qualquer.

Nesse dia explicou por que era um “escafandrista da aurora”. Mergulhava na madrugada porque beber é uma coisa boa e beber de noite é que é razoável. Acima de tudo, porém, gostava de caminhar pelas ruas desertas. Nada é mais lindo do que o amanhecer de uma cidade, a hora da alba, quando os lâmpões começam a perder sua importância e já não iluminam mais as calçadas molhadas.

Morava no interior, o Escafandrista da Aurora. Vinha às vezes ao Rio, gastar algum dinheiro com mulheres, quaisquer mulheres, que, no seu pensar, todas mereciam. Então hospedava-se no sofá da sala.

Chegava querendo saber das novidades, indagando de tudo e de todos. Por mais que eu explicasse que andava tudo no mesmo, ele não me dava ouvidos, na sua ânsia de rever lugares, pessoas e coisas. E acabava por me contaminar, arrastando-me para as suas extensas noitadas.

Na volta, geralmente, vinha recitando. Foi assim que ouvi pela primeira vez um poema de Dante Milano. Embora visivelmente embriagado, recitava de voz firme:

*O bêbedo que caminha
Que mantos arrastará?
Que santo parecerá?
Gaspar, Melchior, Baltasar?
Um miserável não é,
Logo se vê pelo gesto,
Pela estranheza do olhar.
O bêbedo que caminha,
Que rei bêbedo será?*

Numa de suas visitas à capital, de surpresa, como sempre, encontrou-me a curar uma gripe das bravas. Por mais que me

explicasse da necessidade de tratar da alma para enganar o corpo, não conseguiu arrastar-me para as suas andanças. Nessa noite foi só, e estrepou-se.

Uma de suas inúmeras manias era a dos pratos raros. Ao que consta andou comendo comidas de difícil digestão, sem perceber que a aprovação do paladar mereceria, mais tarde, sérias restrições por parte dos intestinos.

No dia seguinte eu amanheci firme na minha gripe, enquanto que ele cultivava uma tremenda dor de barriga. E, para não perder o moral, citava a frase de certo personagem: se não me falha a memória, o Serafim Ponte Grande, do escritor Oswald de Andrade. Cada vez que recomeçava a crise, dizia para si mesmo, torcendo-se em dores:

— Oh, quão diferente e grandiosa é a minha vida secreta!

O Escafandrista da Aurora faleceu no ano da graça de 1949, em pleno mês de maio, num desastre de avião. Durante muito tempo fiquei a recordar sua última visita e a pensar que sujeito extraordinário era ele; com que facilidade driblava as chateações desta vida.

Na derradeira vez que o meu sofá teve a honra de hospedá-lo, estava, segundo confessou-me, perdidamente apaixonado por certa dama, cujo nome era May e a qual era responsável por sua vinda ao Rio. Ouvi-o no telefone a combinar um programa. Ligou o aparelho e, quando sua amada atendeu, fez a graça:

— *May I?*

Podia. Tanto podia que combinaram um encontro. Ao sair, com um terno meu, ia cantarolando o “Esta noche me emborracho”. Mesmo assim parecia preocupado com o seu romance.

Ao voltar, porém, de madrugada, brincava-lhe nos lábios um sorriso quase infantil.

— Como é — perguntei —, encontraste a tal May?

— Não. Deu-me o bolo, a ingrata.

— Então, onde te meteste até agora?

Tinha estado por aí, depois foi a um parque de diversões na Esplanada do Castelo. E, ante o meu franzir de testa, acrescentou:

— Andei duas horas na roda-gigante.

E tirando a escova de dentes da mala, saiu para o banheiro. Pude ouvi-lo lá dentro, debaixo do chuveiro, assoviava o “Ciranda, cirandinha”.

Manchete, 28/11/1953

O Mausoléu

“*Hay momentos que no sé lo que me pasa*” — diz o tango; e ele repetia. Aliás era de opinião que tangos são as vidas de todos nós. Vivia a desenvolver esta teoria e, pensando bem, não deixava de ter certa razão.

O Escafandrista da Aurora era o seu grande amigo, embora diferissem os seus temperamentos. Enquanto este era lírico, de um lirismo exuberante, o outro — o dos tangos — era seco e introspectivo, incapaz de deixar-se trair pelos seus pensamentos, emoções ou entusiasmos. Mas agora, quando tento recordar fatos passados, não posso negar a grande afinidade que tinham aqueles dois excelentes sujeitos, meus amigos, falecido um e perdido o outro, que provavelmente nunca mais o verei, tão longe anda, a carregar seu pessimismo por esse mundo de Deus.

O Escafandrista, às vezes, saía do seu habitual entusiasmo pela vida para se queixar do amigo.

— É um louco que esqueceram de catalogar — dizia-me.
— No dia em que a justiça baixar sobre esta terra, há de ir para

um hospício. Mas não faz mal, hei de mandar-lhe uma camisa de força com monograma bordado.

O outro sorria. Coisa raríssima o seu sorriso, mas sorria. Bastava sentir que irritava o companheiro para que suas atitudes tomassem um leve tom esportivo. Depois — passados os primeiros instantes — voltava a ficar sorumbático, como um Buster Keaton sem contrato, conforme dissera-lhe eu, certa vez.

E como acontecia sempre, acabavam voltando às boas, esquecidos das passadas discussões. Então, invariavelmente, vinha a proposta do Escafandrista:

— Vamos sair e tomar qualquer coisa, Mausoléu.

Sim, porque tal era o seu estranho apelido — Mausoléu.

Era o único convite que jamais recusara. Falava-se em sair para beber e topava logo. Sem mover um músculo da face, levantava-se da poltrona e ia apertar o botão do elevador. Essas saídas limpavam a alma de ambos e voltavam mais amigos que nunca.

Mas também era só. Dificilmente a gente conseguia interessar o Mausoléu num outro programa. Lembro-me do dia em que o Escafandrista da Aurora entrou-me pelo apartamento, muito afoito, a esfregar as mãos de incontido entusiasmo. Foi logo explicando que conhecera as duas pequenas mais formidáveis desta “cidade maravilhosa, cheia de encantos mil, coração do meu Brasil”. Uma delas seria sua por incontável força do destino, sobrando-me a outra — “de rara beleza exótica” — e que já me conhecia de vista.

Agradei comovido e expliquei que, infelizmente, não poderia sair. Teria que ficar toda a noite acordado a escrever um trabalho urgente, que prometera entregar pela manhã na redação do jornal. E, para não desapontá-lo, lembrei-lhe o Mausoléu, recentemente refeito de um namoro e que estava ali mesmo, no quarto ao lado, sedento de amor, a ler Verlaine no original.

Fomos até lá e, enquanto ele marcava o livro e fechava para ouvir o que tínhamos a dizer, o Escafandrista foi contando tudo. Mausoléu limitou-se a perguntar se a dele era linda mesmo. Confirmado esse detalhe, quis saber como se chamava a beldade.

Era Sophia.

— Sophia com *ph*? — insistiu.

Pois lá sabíamos se era com *ph*? Que diferença fazia? Era muito provável que fosse com *ph* sim, ora essa.

— Pois então não vou.

E, ante a nossa surpresa, explicou:

— Sou pela fonética.

Foi essa Sofia (que semanas depois descobrimos ser com *f*) a mulher que quase transformou o Mausoléu num ser humano. Toda linda, toda morena, alegre e simples, sorria com dentes perfeitos, caminhava sem pressa e, como se tudo isso não bastasse, ainda costumava jogar pra cima da gente uns olhos maliciosos e oblíquos a que longas pestanas davam um ar de mistério oriental. Nessas pestanas tropeçou o Mausoléu e tão perdido estava que nem sentiu o tombo.

Mas faltava-lhe o dom extraordinário que fazia do Escafandrista da Aurora um apaixonado da vida, acima das suas paixões pela mulher. Se este fora capaz de, num momento de desenganos amorosos, passar toda uma noite a andar na roda-gigante de um parque de diversões, o outro, no dia em que percebeu que os olhos de Sofia olhavam outros homens também, voltou à sua teoria de que a vida é um tango.

Já então não existia o amigo para animá-lo, o Mausoléu chegava sozinho altas horas, murmurando coisas estranhas, recitando versos da sua louca poesia:

— Oh, jamais suspeitarão da sua ausência — dizia. — Jamais saberão que está aqui, presa à minha dor, dor tão grande e tão

negra como esta noite, em que a tenho em meu abraço, mais suave e mais meiga que todas aquelas que minha saudade não esquece.

— Que é isso, rapaz? — perguntava eu para disfarçar, fingindo não entender.

— Não é nada não. É um tango que eu estou fazendo. Queres fazer a música?

E, diante das minhas escusas, por não saber nada de música, ele parava à minha frente e explicava com voz trágica:

— Este é o grande erro. O erro imperdoável. Toda a minha vida tem sido assim. Eu sei fazer a letra, mas não sei fazer a música.

Manchete, 02/01/1954